

UM ESTUDO SOBRE O BLOG “MEU PROFESSOR DE HISTÓRIA MENTIU PRA MIM”: APROPRIAÇÕES DO PASSADO NA HISTÓRIA PÚBLICA

Márcia Elisa Teté Ramos
(UEM)

Resumo: Os professores que ministram tanto a disciplina escolar como a acadêmica da História, têm sido vistos de diferentes formas conforme o contexto histórico. Estas representações podem estar tanto na legislação educacional, quanto nos discursos políticos, mas também, e talvez hoje, muito mais, em materiais midiáticos. Da comunidade do *Facebook* “Meu professor de história mentiu pra mim”, nasce o *blog* <http://meuprofessordehistoriamentiupramim.blogspot.com.br/>, que veicula representações, declarações e críticas que nos remetem ao sentido pejorativo em relação ao professor de história. O (mau) professor de história, supostamente ensinaria uma história desonesta, mentirosa e esquerdista. Neste trabalho, objetivamos analisar os principais argumentos deste *blog* que justificariam a “mentira” da História ensinada. Para isso, usamos a netnografia, ou seja, o estudo etnográfico de imersão em dado grupo social através da internet (KOZINETS, 2014) e buscamos agrupar as concepções mais recorrentes em discursos-síntese (LEFEVRE; LEFEVRE, 2012). Nos fundamentamos no estudo dos usos, elaborações e apropriações em relação ao passado e/ou à história (BERGMANN, 1989/1990). Em um cotidiano cada vez mais regulado, moldado, influenciado pela mídia, cumpre entender como que determinadas representações tornam-se circulantes. Ao mesmo tempo, em um contexto em que os ânimos políticos se acirram, é importante compreender como se estruturam os argumentos, no caso, pautados na História, mais usados para defender uma perspectiva.

Palavras-chave: História Pública; Representações políticas; Uso do passado; Professor de história.

Venho pesquisando noções históricas que circulam no ambiente virtual já faz algum tempo. Desde antes do artigo que publiquei sobre comunidades virtuais do *Orkut* (RAMOS, 2013) até recentemente quando apresentei um texto na ANPUH de Curitiba sobre a página do *Facebook* denominada “Meu professor de história mentiu pra mim” (RAMOS, 2016). Tal página foi bloqueada pelos administradores do *Facebook* devido ao discurso de ódio ali presente, sendo que a última postagem data de 15 de agosto de 2015. Paralela à referida página, seus administradores encontraram outra forma de divulgação de suas ideias no ambiente virtual, no *blog*

de mesmo nome¹, que também tem a última postagem em 2015. Meu interesse por estudar o ambiente virtual se dá pelo fato de entender que este vem se tornando cada vez mais o lugar onde mais se reproduz noções sobre política, economia, cultura, história, etc. Quanto às noções sobre história, há muito se sabe que a escola não mais se configura como o espaço por excelência de sua transmissão, compreensão, discussão: “Os processos de aprendizado histórico não ocorrem apenas no ensino de história, mas nos mais diversos e complexos contextos da vida concreta dos aprendizes” (RÜSEN, 2007, p. 91).

A preocupação seria com os usos, as elaborações, as compreensões históricas para além da escola e da academia, presentes na História Pública. A “formação histórica” da qual a escola tem um papel importante, mas não o único. Quando Rüsen fala de “formação” destaca um conjunto de habilidades/capacidades de interpretação do mundo e de si fundamentados na consciência histórica (RÜSEN, 2007, p. 95). Conforme esta formação (histórica), o sujeito otimiza saberes e fazeres para lidar com as problemáticas da vida prática. Rüsen alerta para a “formação compensatória”:

...quando, acriticamente, de fora da produção científica do saber ou contra ela, deixa-a ao sabor de suas próprias regras, separa racionalidade intrínseca ao saber científico as carências de orientação, voltadas ao todo, à relação à vida e à subjetividade, enfim, satisfaz essas carências com meios não-científicos” (RÜSEN, 2017, p. 96)

Esta formação compensatória se dá na História Pública, ou seja, nas múltiplas relações e interações que o sujeito empreende em sua experiência no cotidiano. As noções históricas que se produzem por intermédio da cibercultura não podem ser vistas exclusivamente como “acríticas” ou “deficitárias”. Existe um preconceito muito infundido de que redes sociais ou *blogs* apenas divulgam saberes problemáticos. Acredito que estes espaços podem sim empreender noções próximas ao conhecimento histórico especializado, à epistemologia da história ou historiografia. Argumenta Tutiaux-Guillon que o “senso comum e senso científico (histórico) são mais intrincados do que separados, e o limite entre eles é poroso” (TUTIAUX-GUILLON, 2011. p. 28), o que se denomina *polifasia cognitiva*. Entretanto, o *blog* do qual me proponho a analisar se distancia da história especializada, e chega se colocar “contra” a produção científica. Lembrando que em outras páginas do

¹ Disponível em <http://meuprofessordehistoriamentiupramim.blogspot.com.br/> Acesso em 17 de setembro de 2017.

Facebook ou *blogs* o “senso comum” se aproxima da história acadêmica, como é o caso da página “Meu professor de história”², contrária à página “Meu professor de História mentiu pra mim”.

Não me aprofundo aqui na distinção entre uma página de rede social e a do *blog*, porém retomo uma diferença importante: enquanto na página do *Facebook* é mais comum voltar-se para o *hanging out* (saindo) que quer dizer compartilhar nada significativo, frases de autoajuda, músicas, etc., ou seja, postar algo no “calor da hora”, sem reflexões e sem esperar resultados, no *blog* as opiniões são (supostamente) mais pensadas³, não recebe resposta do leitor (*posts*) de forma imediata como na dinâmica do *Facebook* e são registradas de forma mais organizada dando a impressão de permanência. Pela própria natureza de minhas fontes, o estudo realizado tem cunho netnográfico: “uma forma de etnografia adaptada às contingências dos mundos sociais de hoje mediados por computadores” (KOZINETS, 2014, p. 10). Geralmente, a netnografia, também chamada de etnografia digital é utilizada para a compreensão de alguns fenômenos relacionados à cultura online em si, por isso o estudo é realizado em dados já existentes no mundo virtual. De forma semelhante ao estudo que realizei sobre a página “Meu professor de história mentiu pra mim”, analiso o *blog* homônimo com a mesma metodologia, destacando o discurso-síntese, reunindo “conteúdos e argumentos que conformam opiniões semelhantes” (LEFEBRE; LEFEBRE, 2012, p. 17). Assim, apanho as representações sobre o (mau) professor de história que são recorrentes no *blog*, como se fosse um discurso único (LEFEBRE; LEFEBRE, 2012, p. 19).

Entre várias seções no *blog*⁴, enfatizo a intitulada “Índice da série de textos: tudo que seu proferssorzinho do MEC nunca lhe contou sobre”. O objetivo desta

² Disponível em <https://www.facebook.com/Meu-Professor-de-Hist%C3%B3ria-361291767338033/?fref=ts>. Acesso em 17 de setembro de 2017.

³ “Blog é uma palavra que resulta da simplificação do termo weblog. Este, por sua vez, é resultante da justaposição das palavras da língua inglesa web e log. Web aparece aqui com o significado de rede (da internet) enquanto que log é utilizado para designar o registro de atividade ou desempenho regular de algo. Numa tradução livre podemos definir blog como um “diário online”. Blogs são páginas da internet onde regularmente são publicados diversos conteúdos, como textos, imagens, músicas ou vídeos, tanto podendo ser dedicados a um assunto específico como ser de âmbito bastante geral. Podem ser mantidos por uma ou várias pessoas e têm normalmente espaço para comentários dos seus leitores. Blogueiro é o nome dado a quem publica num blog e blogosfera é o conjunto de blogs”. Disponível em <https://www.significados.com.br/blog/> Acesso em 17 de setembro de 2017.

⁴⁴ Outras seções: “Eleições 2014. Protesto se faz aqui”; “Manual da resistência”, “A deturpação esquerdista da ideia de Estado Laico”; “Baixe aqui imagens especiais da página mpdHmpm para usar como capa de seu perfil”, etc.

seção seria: “lançar luz sobre questões essenciais que são deturpadas pelos professores marxistas. Cada tópico reunirá os principais pontos sobre determinado tema, com o objetivo de criar textos que possam ser usados como referências básicas em debates”⁵. Logo de início alerta para o tom do *blog*: os professores de história são marxistas, por isso mesmo, mentem, conforme o título deste *blog*, assim como da página do *Facebook*.

Entendo que a forma pejorativa com que se sustenta esta forma de ver o professor de história em diversos materiais midiáticos decorre de duas premissas interdependentes: 1) premissa neoliberal: o professor/funcionário público, principalmente da área de Ciências Humanas (área considerada sem “utilidade”), entendido como ônus para o Estado, que se quer “mínimo” no investimento das políticas públicas, mas incisivo nos dispositivos de intervenção político-cultural e 2) premissa neoconservadora: o professor de história seria sempre “de esquerda”, portanto, ensinaria uma história considerada “ideológica”. Mas é mais do que isso. Na busca da desqualificação do professor de história, alguns temas históricos são postos em revisão e neste pretendo revisionismo, ideias não-científicas são defendidas. A questão não é perceber o quanto as ideias são não-científicas ou “estapafúrdias”, mas tentar compreender porque elas estão fazendo sentido para quem as defende. A seguir, tomo duas subseções que trazem noções históricas do *blog*: 1) *Defende-se a Inquisição na Idade Média*⁶. Segundo o *blog*, a Igreja teve que empreender um mal necessário, qual seja, o de acabar com o caos das invasões bárbaras impondo a ordem: “Esse avanço foi fruto do cristianismo, que salvaguardou o legado da antiguidade clássica e estabeleceu a cultura que serviu de lastro para ordem social, sem a qual não seria possível gerar o progresso”. A Inquisição serviu ao propósito de controlar “pessoas que tinham ganhado preeminência social dentro do seio da própria Igreja, mas que a partir de dado momento passavam a pregar ensinamentos estranhos ao corpo de ensinamentos da Igreja”⁷. Estes se tornaram “dissidentes” ou “hereges” formando “seitas”. Seria um tipo de “esquerda” da época e como tal “pregavam que, uma vez que o mundo material era uma criação do deus

⁵ Disponível em <http://meuprofessordehistoriamentiupramim.blogspot.com.br/2013/06/indice-da-serie-de-textos-tudo-que-seu.html> Acesso em 17 de agosto de 2017.

⁶ Postado em 21 de setembro de 2013. Disponível em <http://meuprofessordehistoriamentiupramim.blogspot.com.br/2013/09/tudo-que-seu-professorzinho-do-mequi.html> Acesso em 18 de setembro de 2017. Deste item número 1, todas as narrativas foram tiradas deste link.

⁷ Todas as falas do *blog* foram grafadas como no original.

mau, ENTÃO tudo que fortalecesse o mundo material deveria ser COMBATIDO”. A ideia é que os “esquerdistas” querem fazer crer que a Inquisição se devia à punição de quem não era católico, mas o *blog* afirma que, na (sua) verdade, a Igreja cumpriu a tarefa civilizatória de procurar acabar com grupos de esquerda. A violência do combate em relação aos grupos de esquerda seria, segundo a perspectiva do *blog*, uma demanda não só daquele momento histórico, se se quer preservar a ordem e o progresso: “Por mais horror que nos possamos inspirar os meios empregados para combatê-la, por mais piedade que devemos sentir por aqueles que morreram vítimas de suas convicções, reconhecendo sem hesitar que, nas circunstâncias, a causa da ortodoxia era a da CIVILIZAÇÃO E DO PROGRESSO”. Anacronicamente, se percebe que no passado a Igreja teria disseminado “uma mentalidade voltada para valores transcendentais, trouxe paz e prosperidade para Europa” (como na democracia), mas esta democracia deixou o “povo europeu suscetível a falsos profetas” (os grupos de esquerda da época), sendo que “uma parte significativa da população dava crédito às ideias hereges, que deturpavam os ensinamentos da Igreja causando confusão e desordem social” (na civilização). 2) *O bloqueio a Cuba*⁸. Em síntese, não houve bloqueio comercial nenhum. Os cubanos sempre foram livres para comercializarem “com quem os Castro bem entenderem”. Para o *blog*, esta é uma mentira recontada várias vezes, que subentende o hipotético Imperialismo americano. Uma invenção da esquerda que quer demonizar o capitalismo: “a esquerda atribui todas as mazelas do mundo ao livre comércio, e no minuto seguinte atribui todas as mazelas de cuba a ausência do livre comércio”. Entende-se que o embargo econômico à Cuba é visto pelos “esquerdistas” como proibição de comércio de todos os países sob o comando dos Estados Unidos: “os Estados Unidos JAMAIS proibiram outros países de comercializar com Cuba”. De fato, o embargo econômico proibiu os cidadãos americanos de realizar negócios dentro da ilha ou com o governo cubano. O *blog* não especifica qual historiador ou professor de história “esquerdistas” defende que os americanos proibiram comércio de todos os países com Cuba.

Com estes dois momentos históricos destacados pelo *blog* é possível compreender quais são os principais argumentos postos em funcionamento para

⁸ Postado em 5 de junho de 2013. Disponível em <http://meuprofessordehistoriamentiupramim.blogspot.com.br/2013/06/tudo-que-seu-professorzinho-do-mec.html>. Acesso em 18 de setembro de 2017. Deste item número 2, todas as narrativas foram tiradas deste link.

uma crítica aos professores de história: 1) *O professor de história é marxista, esquerdista*. É um professor a serviço do MEC, ou “méqui” (termo utilizado para depreciação do MEC). Para o *blog*, assim como para vários outros materiais midiáticos, todas as políticas para educação que o MEC empreendeu no governo do Partido dos Trabalhadores é “ideológico”: ENEM, PNLD, ENADE, etc. Na página, esta seção (*link*) traz a imagem de Paulo Freire com o título “Tudo que seu professorzinho do méqui não lhe contou sobre...” Paulo Freire é visto como intelectual da esquerda e representa tudo aquilo que se quer criticar na educação do MEC. Todos os livros “que o méqui chama de livros didáticos”, trazem conteúdos de esquerda. Existe uma generalização, ou seja, todos os professores ou intelectuais, em especial, aqueles que trabalham com a história, tem determinadas características. Despreza-se o fato de que estes professores ou intelectuais não formam uma identidade homogênea. O problema do estereótipo é simplificar as identidades, que são pautadas em diferenças de classe, bem como, geração, gênero, etnia, religião, crenças, formação, etc. Também se generaliza as políticas públicas para educação, imputando o pensamento de esquerda em todos os materiais e dispositivos provindos destas políticas postas pelo governo do PT; 2) *A história verdadeira é a história defendida pelo blog*. Ora, os professores de história “mentem” e é preciso desmontar suas mentiras. Eles ensinam errado, então: “Por ter sofrido lavagem cerebral desde a mais tenra idade, o brasileiro médio toma o falso como verdadeiro e ri com desdém diante de quem proclama a verdade, a qual ele ignora completamente”. Frases que defendem a verdade histórica são comuns: “...é possível afirmar que, à luz da verdade...”; “Para comprovar a veracidade das informações que foram apresentadas aqui e para continuar a conhecer a verdadeira Inquisição...” Os historiadores e professores de história sempre “deturpam” – palavra bastante repetida no *blog* – a verdade: “Esse tipo de deturpação é muito comum quando os historiadores não são movidos por entender o que de fato aconteceu, mas sim por criar uma representação do que aconteceu de modo que esta seja capaz de endossar uma ideologia”; “O uso dos termos “embargo” e (pior ainda) “bloqueio” é, por si só, uma MENTIRA DESCARADA”; 3) *Os professores de história e quem acredita nos professores de história são passíveis de ofensas verbais*. Existe um sem número de palavras ofensivas dirigidas aos esquerdistas ou então comentários irônicos e sarcásticos: “...a súcia de apedeutas, sequelados e retardados em geral fez coro em gargalhada histriônica. Como os idiotas úteis

jamais se deram ao trabalho de abrir um livro de verdade...”; “Quando virem alguém usando o argumento do embarco humilhem-no chamando-o de IGNORANTE e BURRO. Podem mandar sem medo. Esses adjetivos ainda são leves, perto dos adjetivos que uma pessoa dessa realmente merece”.

Como na página do *Facebook*, o *blog* “Meu professor de história mentiu pra mim”, provoca diversas “respostas” dos internautas, geralmente, de concordância com suas afirmações. Os argumentos são os mesmos: professores de história são de esquerda, marxistas, comunistas e por isso mesmo mentem, não contam a verdadeira história, são “desonestos”, fazem “lavagem cerebral”, devem ser criticados, suas histórias mentirosas devem ser desconstruídas: “Não adianta argumentar com esquerdistas, eles são psicopatas. Psicopata tem cabeça de pedra, você pode mostrar fatos concretos sobre qualquer coisa, que eles ainda argumenta destilando mentiras. É pura perda de tempo argumentar com esse tipo de gente”; “Coréia do Norte, Venezuela e Cuba criticam os americanos mas são sustentados por eles. Não dá para entender”;

Existem poucas postagens que confrontam o *blog*, mas quando há, os argumentos geralmente acompanham a ideia de que o Outro deve ser desqualificado, ofendido. O Outro é sempre ignorante, não estuda, diz apenas besteiras: “Noossaaaaaaa, como você parece pseudo politizado!!!! nunca li tanta coisa idiota em um só post!!! (...) só uma dica, estuda um pouquinho, lê mais um pouquinho, conheça a verdade...”; “Que lixo ignorante, até meu vizinho adventista que é um típico tapado não passa por uma vergonha dessa como este boçal...”. Muitos apontam a falta de fundamentação das ideias do *blog*: “Uma busca rápida no Google não mostra referências de tais autores, só algumas de suas produções, todas voltadas para enaltecer a igreja. Agora entendo porque tanto você quanto a maioria absoluta dos seus puxa-sacos são fakes. Nenhuma pessoa com mínimo de senso do ridículo se apoiaria em fontes tão tendenciosas para fundamentar fanatismo religioso e ainda teria capacidade de se identificar’.

Em especial, sobre a defesa da Inquisição empreendida pelo *blog*, houve muitas críticas ao catolicismo nas postagens, porém, pode-se perceber que os argumentos são (também) religiosos, provavelmente de membros de outras igrejas cristãs: “Esta idolatria da Igreja e insigneas denominacionais, fez com que o cristão católico não adore exatamente a Deus, mas sua igreja, não obedeça exatamente a Cristo, mas as doutrinas da sua igreja, não estime exatamente os servos de Deus,

mas o oficialato, os seus sacerdotes e os canonizados pela igreja”. Algumas postagens permitem ver um confronto entre católicos e “Outros” – talvez evangélicos ou ateus: “...crentelho retardado. vc e sua seita nada valem. vc e su seita não vão fechar universidades, dominar aas PMS, Forças armadas e tudo mais. sua seita nem domina so EUA mesmo”; Porra cara vai fala da Igreja usando fonte da Igreja Adventista façame o favor pesquise em fonte de verdade; “Você não tem outra FONTE de pesquisa a não ser este Blog fajuto dos Adventistas?”.

Embora prevaleça o tom ofensivo como acima mencionado, alguns argumentos de cunho históricos são postados: “seguindo a mesma linha argumentativa que apresenta a inquisição como civilizatória, Hitler estaria também plenamente justificado, já que partia do mesmo conceito de civilização para apontar como “inimigos da sociedade” judeus, ciganos, homossexuais e outras minorias. E como se não bastasse a semelhança, Hitler também dizia agir em nome de Deus!”; “Também algo digno de nota é que a Igreja também foi acusada de perseguir Galileu Galilei. Ora, foram os próprios cientistas e filósofos da época que o perseguiram e como não tinham força moral para o silenciar, o caluniaram perante o Tribunal do Santo Ofício acusando-o de difundir idéias contrárias a Bíblia e a Santa Igreja. Galileu tinha vários amigos na igreja, mas suas idéias vieram num período bastante conturbado por causa da Reforma Protestante e dos conflitos religiosos advindos dela e a Igreja tinha que manter o controle da situação custe o que custasse”.

Por vezes vem à tona a polaridade esquerda-direita: “Engraçado... por quê então o papa João Paulo II pediu perdão pelas arbitrariedades cometidas pela "Santa" Inquisição? Também não comungo com a esquerda vermelha, mas não aceito essa verdadeira deturpação histórica que estão fazendo”; “Eles citam apenas os cátaros porque este era o grupo mais perverso, desta forma, reduzir os hereges aos cátaros torna-se bem conveniente para o objetivo do autor, que é manipular os fatos e restringir tudo a uma ideia de que a Igreja sempre foi a benfeitora mór e incompreendida por todos estes séculos. Faz-me rir. OBS: Sou direitoista”.

Não é objetivo do *blog* a publicação de artigos acadêmicos e/ou especializados, mas este se entende como portador da verdade histórica. Mas as noções ali postas representam saberes que circulam na sociedade, principalmente nos meios midiáticos e/ou virtuais, mas também em certo tipo de historiografia ou em determinada interpretação quanto à historiografia. A polaridade política que se estabeleceu nos últimos anos do governo de Dilma Rousseff (PT), que poderíamos

datar aproximadamente no pós-jornadas de junho de 2013, mas que desde 2011 vem acontecendo a nível mundial, ou seja, no período das postagens aqui elencadas sobre Inquisição e Embargo a Cuba. Em março de 2015, em diversas cidades brasileiras, grupos sociais foram às ruas protestar contra o governo da república do Brasil. Este movimento surgiu nas redes sociais e ganhou força, tendo como uma de suas principais “bandeiras” o pedido de *impeachment* da presidenta e o fim da corrupção. Neste intervalo de tempo, de 2013 a 2016, os debates se tornam acirrados nas redes sociais, nas mídias em geral. Alguns argumentos, concepções, ideias são associadas diretamente com o fato de ser “de esquerda” ou “de direita”. Criticar Cuba e tudo o que isso implica, seria nesta perspectiva, se contrapor ao “comunismo” que supostamente o PT comunga com aquele país. Uma associação é entrecruzada com outras. Ser comunista implica em ser ateu, por isso a defesa do *blog* quanto a Inquisição da Igreja católica. Inexistem justificativas de ideias, crenças, sistema de valores, atitudes que não sejam pautadas no significado que os sujeitos atribuem à vida prática (RÜSEN, 2001).

De forma mais “didática” transponho a matriz disciplina rüseniana da construção do conhecimento histórico, lembrando que política e história são campos justapostos: “a racionalidade cognitiva no caso do pensamento histórico não pode ser isolada de uma racionalidade política e de uma estética.” (RÜSEN, 2001, p.151). Entendo que o ponto de partida são os interesses configurados na vida prática para que haja a produção do conhecimento histórico, seja este especializado ou não. Em outras palavras, o estudo do passado parte das carências de orientações, das problemáticas que se apresentam no presente e/ou no cotidiano e estas necessidades orientam a vida na estrutura do tempo (RÜSEN, 2010, p. 25). Os sujeitos recorrem ao passado para não se perderem diante do fluxo do tempo, como forma de atribuir sentido às suas experiências e projetar um futuro (RÜSEN, 2001, p.55). Assim, o conhecimento histórico é “uma constituição do sentido da experiência do tempo, pois orienta a determinação de sentido no mundo e a auto interpretação do homem e de seu mundo” (RÜSEN, 2001, p. 59). Conforme carências de orientação do presente (crise política brasileira), os sujeitos mobilizam certos modelos de interpretação sobre o decurso do tempo, pensando o passado (no caso, sobre Inquisição e sobre Cuba) e projetando o futuro (naquele momento, ações são mobilizadas para mudanças na política, como o *impeachment* da presidenta).

Estas ideias do *blog* são orientadoras do sentido do passado (mesmo que não concordemos com elas) e não estão descoladas, também, da vida prática (RÜSEN, 2001. p. 31). Contudo, os critérios de sentido não são buscados na historiografia, na história especializada. São ideias advindas de “modelos de interpretação para os quais as experiências da evolução temporal do homem e de seu mundo são transpostas e nos quais são integradas (RÜSEN, 2001, p. 32). Vale dizer que o *blog* indica uma bibliografia e desta lista⁹, muitos apresentam concepções baseadas da história-ciência, contudo: não necessariamente se defende a Inquisição, mas se procura desmitificar a ideia de que a Idade Média foi uma Idade das Trevas, pois havia avanço em acordo com o contexto histórico; não se associa diretamente a história da Inquisição com o fato de ser “de direita” (se for a favor desta) ou “de esquerda” (se for contra esta), embora alguns autores sustentem o argumento de que a Igreja católica promoveu o desenvolvimento da civilização; se existe algum vestígio de associação entre o presente e o passado de forma anacrônica nesta bibliografia, isto não se dá de forma evidente como no *blog*. Por exemplo, no *blog*: os cátaros eram bárbaros que “se organizavam em grupos de ação para depredar fazendas, queimar plantações, destruir benfeitorias, instrumentos agrários e por aí vai”, e assim, presume-se que “os cátaros eram uma espécie de MST da Idade Média”.

O *blog* não produz suas ideias por meio de métodos científicos, não explora fontes históricas, embora se autoprotome como veiculador da verdade histórica como dito anteriormente. Para Rüsen, as histórias só se tornam-se científicas, se “obedecem às regras da pesquisa histórica. Essas regras submetem o pensamento histórico à obrigação de tornar o conteúdo empírico das histórias controlável, ampliável, e garantível pela experiência”, assim, a História como ciência “produz, com essa metodização da relação com a experiência, um progresso constante do conhecimento” (RÜSEN, 2001, p. 108).

⁹ Diane Moczar (historiadora americana), "Sete Mentiras sobre a Igreja Católica"; Daniel-Rops (historiador francês), "A Igreja das Catedrais e das Cruzadas"; Eric Voegelin, "Idade Média Tardia" (não encontrei referência); Felipe Aquino (chamado de “professor”, apresentador de programa católico na TV Canção Nova), "Para Entender a Inquisição"; Henry Kamen (historiador britânico), "A Inquisição Espanhola"; João Bernardino Gonzaga (chamado de “professor”, ligado à Igreja Católica), "A Inquisição em seu mundo"; Rodney Stark (sociólogo conservador norte-americano), "A Vitória da Razão"; Regine Pernoud (historiadora francesa), "Luz Sobre a Idade Média" e "O mito da Idade Média"; Ronald L. Numbers (historiadora americana), "Galileu na Prisão" e Thomas Woods (historiador americano), "Como a Igreja Católica Construiu a Civilização Ocidental".

Para Rüsen, quando empreendemos uma narrativa histórica dotamos de significado/sentido histórico às nossas experiências por isso a narrativa histórica seria uma “operação mental constitutiva” (RÜSEN, 2010, p. 43). Como disse acima, a forma de tergiversar sobre a Inquisição ou Cuba, se baseia na desqualificação do argumento alheio de forma ofensiva. Na narrativa do *blog*, a estratégia de convencimento é a de apresentar uma narrativa com linguagem coloquial, facilitada e ofensiva (em relação ao Outro).

O conhecimento histórico “serve” para dar conta da vida prática no sentido de orientação existencial. Sobretudo, os interesses e as funções orientadoras são o começo e o fim que nunca acabam, pois se as necessidades sociais constam na vida prática, o conhecimento histórico elaborado “volta” para a mesma vida prática de modo que a enriqueça, em um movimento tensional e recursivo. Se forem empreendidas perguntas e respostas nesta direção, o passado pode ser “apropriado produtivamente” e então, “se tornar um fator de determinação cultural da vida prática” (RÜSEN, 2010, p. 44). O passado, embora seja o foco, não pode desprender-se do presente e do futuro, já que se situar em uma temporalidade implica em intencionalidades. Uma forma histórica de interpretar a realidade pode “atualizar os potenciais racionais” para o reconhecimento, adoção e defesa de convicções e pretensões (RÜSEN, 2010, p. 102) no sentido de produzir ações que possibilitem a mudança de si e do mundo, o que subentende uma perspectiva de futuro. Contudo, ao fechar a narrativa com a estratégia de taxar o Outro de estar errado por ser supostamente “de esquerda” ou com a noção que se defende a verdade contra a mentira, o *blog* vai possibilitar intencionalidades e ações construídas no preconceito, no estereótipo, na simplificação e naturalização da história, das relações sociais e políticas.

O *blog* demonstra uma consciência crítica de sentido, ao mobilizar uma interpretação alternativa, que nega, resiste ou procurar romper com modelos já existentes (RÜSEN, 2007, p. 55-56), mas não consegue perceber as “qualidades da alteridade”, não entende a história como processo configurado por mudanças e permanências quando equipara o presente com o passado, ou seja, não há uma consciência genética de sentido (RÜSEN, 2007).

Esta análise serve também ao propósito de pensar com quais saberes históricos alunos chegam na escola, para que se pense em ações que mobilize a matriz disciplinar rüseniana, que auxilie na formação da consciência histórica

genética, no sentido de partir de problemáticas do presente, pautar o conhecimento histórico na história-ciência (historiografia e fontes), para que se construa uma argumentação histórica escolar mais fundamentada, coerente, pertinente e principalmente ética, de modo a produzir a consciência de si, dos outros e do mundo, criando intencionalidades visando o respeito à diversidade, justiça e igualdade de uma sociedade democrática.

Referências:

KOZINETS, Robert V. **Netnografia**. Realizando pesquisa etnográfica online. Trad. Tatiani Melani Tosi e Raúl Ranauro Javales Júnior. Porto Alegre: Penso, 2014.

LEFEBRE Fernando; LEFEBRE, Ana Maria. **Pesquisa e representação social**. Um enfoque qualitativo. Brasília: Liber Livro Editora, 2012.

RAMOS, Márcia Elisa Teté. O estudante de Ensino Médio nas comunidades virtuais “eu amo história” e “eu odeio história” e uma questão antiga: para quê serve a história? **Antíteses**. Londrina, v. 5, n. 10, p. 665-689, 2013.

RAMOS, Márcia Elisa Teté. “Meu professor de história mentiu pra mim”: noções sobre o professor de história e a história que ensina em uma comunidade do *Facebook*. XV ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA. 100 ANOS DA GUERRA DO CONTESTADO. HISTORIOGRAFIA, ACERVOS E FONTES. 2016.

TUTIAUX-GUILLON, Nicole. O paradoxo francês: cultura histórica significativa e didática da história incerta. **Educação e Realidade**. v.36, n.1, jan./abr., 2011. p. 15-37.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica**. Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica. Trad. Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 2001.

_____. História Viva: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico. Trad. Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.

_____. In SCHMIDT; Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (Org.). **Jörn Rüsen e o ensino de história**. Curitiba: Ed. UFPR. 2010.